

Opinião



Nuno Rocha e Porfírio
Arquitecto
www.a1v2.pt

O “parente pobre”

O modernismo converteu a típica cobertura inclinada em cobertura plana e utilizável – muitas vezes sem considerar qualquer condicionante climatérica dos locais de implantação – tendo-lhe porém atribuído pouco uso. Porque se investe tanto em potenciar sobretudo os espaços interiores? Porque se investe tanto noutros espaços exteriores envolventes e não coberturas que são espaços (pagos) integrantes da construção?

Durante a minha experiência profissional, salvo diminutas exceções, tive sempre a sensação que as coberturas eram o “espaço sobran­te” dos projetos: locais onde, quase sempre, despejamos infraestruturas técnicas que queremos escon­der, poupamos nos sistemas tectónicos e nos acabamentos, descuramos acessibilidades, utilizações e funções empobrecendo estes espaços.

A arquitetura mediterrânica, bem como de outras regiões com climas semelhantes, potenciou muitíssimo bem a funcionalidade prática das coberturas como fonte de captação de águas, áreas de sequeiro ou zonas de lazer. Este aspeto é por demais evidente na arquitetura popular algarvia.

Gosto sempre de relançar as (boas) exceções à regra, destacando obras e colegas que tiveram a clarividência de potenciar estes espaços: a fantástica Ópera de Oslo dos noruegueses Snøhetta, o complexo 1111 Lincoln Road dos suíços Herzog & de Meuron, a Casa Monte do português Pereira Miguel Arquitectos, o Centro das Artes Casa das Mudas do português Paulo David e, se me permitem, o curioso Estacionamento El Harrach de autoria da A1V2, gabinete que integro. É então justo dizer que esta fusão entre espaço público e privado, onde todo o sítio é ocupado pelos utilizadores dá algum élan aos edifícios e equipamentos. É interessante ver como estes mesmos utilizadores se apropriam destes espaços de uma forma muito natural, não pensando que são zonas de cobertura (ou com outra qualquer especificação técnica). Para eles, são apenas espaços de permanências, de vivências, de encontros e histórias. Chegam e simplesmente acomodam-se...

Existem, ainda que numa microescala, outros exemplos bem conseguidos: as adequações destes “não-espaços” em agradáveis terraços urbanos potenciando assim sublimes enquadramentos fluviais e citadinos, como em alguns equipamentos hoteleiros de Lisboa ou do Porto.

Talvez tenhamos todos de ajustar parte da nossa criatividade e permitir que este “parente pobre” do projeto ganhe autonomia mas sobretudo ganhe funções e utilizações mais dignas. Por agora sonharei com um passeio na cobertura da nova, e muito interessante, ETAR de Alcântara ou na cobertura insuflável, quase pueril, da Allianz Arena.

Texto do autor, escrito conforme o Acordo Ortográfico.